

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Ednéia Chinellato

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo/SP

2020

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec) do Centro Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A professora Ednéia Chinellato é curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual João Jorge Gerassate, em Penápolis/SP, criado em 2016, por ela que é professora-pesquisadora com projetos anuais de HAE (horas atividades específicas) na Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec), e desde que ingressou no Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e História da Educação Profissional e Tecnológica (GPEMHEP), em 2012.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: online, pelo *teams*

Data da entrevista: 25 de setembro de 2020

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 52 minutos e 32 segundos

Número de vídeos: um

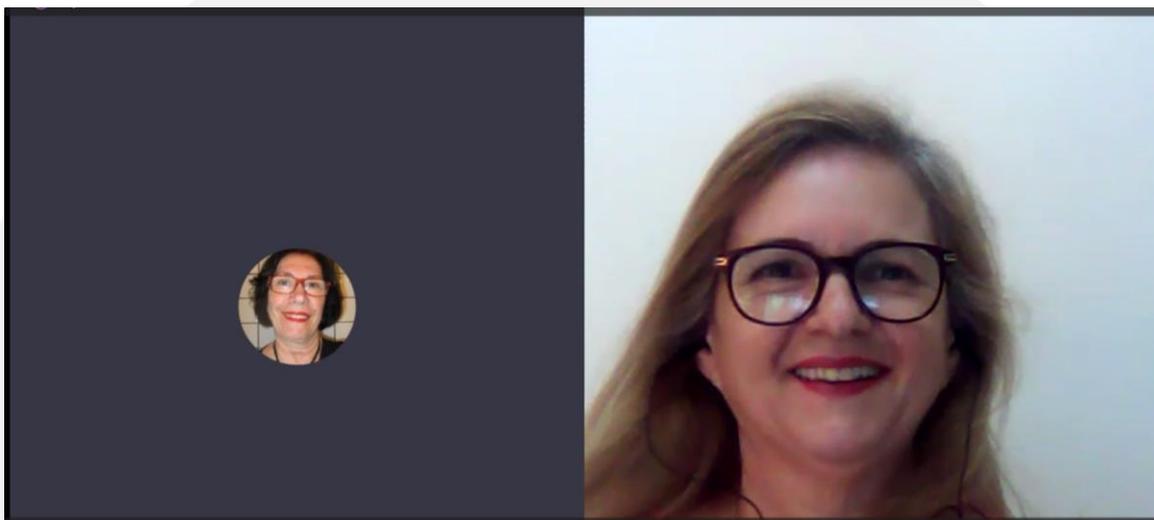
Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 23

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, que vem sendo realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, criando um volume específico e denominado “História oral na educação: docentes em centros de memória” com

a participação de curadores em centros de memória, proposto pela entrevistadora durante a pandemia do Covid 19, como teletrabalho institucional, e com as gravações realizadas pelo *teams*, com a proposição de difundi-las dentro do programa História oral na Educação no site de memórias, em percurso histórico. Informo que a imagem da entrevistadora não aparece, exceto como foto de 2013, devido ao Computador pessoal da marca Acer, embora novo, apresentar problemas entre o drive e a câmera, identificado durante o trabalho remoto na pandemia, conforme indica a imagem a seguir:



Entrevista realizada online, pelo teams, em 25/09/2020.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: de 10 a 17 de março de 2025

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Retorno da colaboradora: 01 de abril de 2025

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Boa tarde, professora Ednéia Chinellato. Eu agradeço muito você ter aceitado o convite dessa entrevista, hoje que é dia 25 de setembro de 2020. Essa entrevista está sendo proposta para o nosso Programa de “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”. Eu estou entrevistando os professores que são curadores de Centro de Memória, para o nosso Centro de Memória Central, que é o Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, lá no Edifício

Paula Souza. A intenção dessa entrevista é conhecer um pouco da sua história de vida. Você que, em 2016, criou o Centro de Memória da Etec João Jorge Gerassate, em Penápolis, e já está há algum tempo conosco no Grupo de Memórias e História da Educação Profissional. Então, eu gostaria que você contasse um pouco da sua história de vida, onde você nasceu, onde você estudou, qu e escolas você passou, como você decidiu pela sua carreira, primeiro de formação e depois como professora. Quando você entrou no Centro Paula Souza? Podemos começar por aí?

Ednéia Chinellato (EC): Sim, podemos sim. Bom, boa tarde, professora Maria Lucia. Fiquei, sim, muito feliz com o convite, me senti lisonjeada. Obrigada. É um prazer conceder uma entrevista no Centro de Memória, no qual eu faço parte também. Então, é um prazer. Obrigada. Então, vou falar um pouquinho de mim, que é tão bom falar da gente. Eu sou a Ednéia Chinellato, sou a terceira filha, tenho dois irmãos, Wanderley e o Geraldo. Sou a caçula, meu pai, minha mãe, hoje com 84 anos, os dois (meu pai e minha mãe os dois com 84 anos). A minha vida de estudante, eu sempre estudei em escola pública. E, então, até terceiro colegial, assim. Na minha época, onde eu estudava, do primeiro ano até o 9º ano, era em uma escola. Aí, depois, né, houve uma reestruturação, da legislação, e o ensino médio foi transferido para uma outra escola. E, assim, aconteceu. Eu fui, fiquei até o 9º ano, na escola Yone Dias de Aguiar. Depois, eu fui fazer o ensino médio, na Escola Adelino Peters.

MLMC: Você nasceu em Penápolis mesmo?

EC: Isso, eu nasci em Penápolis mesmo, no dia 23 de fevereiro, em Penápolis. Aí, eu fui estudar, então, nessa Escola Adelino Peters, fui fazer o Ensino Médio, que também é pública. E, lá, eu fiz o primeiro ano, e, depois, no final do primeiro ano, eu fiz a opção de estudar o magistério. Então, eu fiz o magistério, primeiro, segundo e terceiro magistério. No terceiro ano, eu prestei vestibular para a FUNEPE, e fui fazer Pedagogia. Fiz Pedagogia, FUNEPE é a Fundação Educacional de Penápolis, é a faculdade que nós temos na nossa cidade. Estudei Pedagogia, e, no finalzinho de Pedagogia, tinha o curso de História. E, nós fomos com um grupo, um grupo de amigos, que estávamos estudando já há bastante tempo. E, estávamos terminando Pedagogia. E, agora, o que nós vamos fazer? Vamos fazer História. E, aí, fizemos novamente o vestibular, e fomos fazer História.

MLMC: Isso foi em que ano, que você foi fazer História?

EC: Em que ano? Foi na década de 90. Porque assim, deixa eu pensar aqui um pouquinho, 85, eu acho, 88, que eu terminei. Aí, nós fomos fazer... Aí, terminou História. E, aí, bom, nós terminamos História. E, agora? Quando eu estava fazendo terminando a faculdade de História, eu já comecei a dar aula. Algumas aulas em substituição nas escolas estaduais aqui em Penápolis. No finalzinho do curso de História, nós resolvemos fazer uma especialização em Londrina, na UEL. Aí, escrevemos o projeto, mandamos para a universidade, e fomos aprovadas. Então, nós fomos estudar esse grupo de pessoas da classe, nós fomos estudar especialização em História do Brasil, na UEL. E terminei o curso, fiz a minha... o TCC, que seria hoje, e passei pela banca, em 98. Não, desculpa, 98 não, 96. E essa é a minha história de vida.

MLMC: Quando você ingressou no Centro Paula Souza?

EC: Então, eu, nesse período de 90, me casei em 95. Eu terminei a especialização, já estava casada, em São Paulo. Aí, neste período, depois de 97, já trabalhava lá em São Paulo, em uma escola particular, de ensino médio, de maternal até o ensino médio. Fiquei lá por 5 anos. Antes, eu tinha feito um concurso para o Estado, e aí, nesse período, como demorou bastante para chamar, nós resolvemos voltar para Penápolis. Meu marido resolveu voltar para Penápolis. E aí, depois de 5 anos morando em São Paulo, eu retorno para Penápolis. Voltei para cá, consegui o emprego de uma escola particular. E, nesse período, o que eu tinha feito concurso para o Estado, o Estado me chama para trabalhar. E aí, eu ingressei, pedi demissão da escola particular, porque não dava conciliar o horário, até que eu fui à escola para trabalhar, era em Piracicaba, e eu sou de Penápolis, morando em Penápolis. Então, era muito difícil, não dava para conciliar. Fui, levei todo o meu prontuário para Piracicaba, para trabalhar lá, só que aí eu fiz a inscrição para o artigo 22. Bom, e aí, por minha felicidade, eu consegui, fui em Birigui, que é a Delegacia de Ensino, fui, tive a atribuição marcada, e aí eu consegui, fui para Birigui, uma cidade perto de Penápolis, pelo artigo 22, uma carga de aula completa.

MLMC: E Birigui fica a quantos quilômetros de Penápolis?

EC: Isso, Birigui fica 30 quilômetros de Penápolis, em uma escola do Estado, escola pública também. E aí, eu tinha carga completa nessa escola. Eu tinha aula, tanto no ensino fundamental, quanto no ensino médio. E aí, eu viajava todos os dias para Penápolis, porque era perto. Bom, aí teve um período que houve uma mudança de horário, eu acabava ficando uns dias na casa de uma professora, que morava lá em Birigui, quando eu saí da escola às seis horas, seis e pouquinho, porque tinha ATPC, eu dormia na casa dela, no dia seguinte eu

tinha aula, e aí eu retornava a tardezinha para Penápolis. No final desse ano, que eu consegui estar em Birigui, eu pedi remoção.

MLMC: Que ano foi isso? Você lembra?

EC: Lembro, tem dez anos isso, foi 11 anos. E aí eu pedi remoção, há 11 anos atrás, para Penápolis. Você tinha que indicar várias escolas ou cidades, e eu indiquei, então, Penápolis, Glicério, e aí consegui me trazer remoção para Glicério. E é onde eu estou, em Glicério, até hoje, na rede pública. Na rede pública, a professora Telma Maeda também trabalhava, em Glicério, e ela era professora e coordenadora do Centro Paula Souza. Um dia, conversando na hora do intervalo, ela falou assim: - não gostaria de substituir uma professora de História, que ela está precisando faltar, e eu preciso de pessoas para substituir, para dar aula. Eu pensei, vamos conhecer, não sabia, mas tinha sim muita vontade de estudar na Colégio Agrícola, porque, em Penápolis, o Colégio Agrícola era bastante conhecido, bastante famoso, e trabalhar no Colégio Agrícola, para mim, era um sonho. Nossa, vou conhecer. E aí fui, conheci a escola, e foi uma experiência única, porque eu cheguei para conhecer, para me apresentar, para levar uma documentação, ver o que era necessário. E aí, estava na sala, numa sala de espera, a professora Luciane Bento Bozzolo Tridapali, que hoje ela é orientadora educacional também, e nós éramos amigas há muito tempo, e eu não sabia que ela estava lá. Então assim, foi uma experiência muito, muito boa para mim.

MLMC: Que ano foi isso?

EC: Isso foi em 2000, comecei trabalhando, 2010, 2009. Então, eu trabalhei em substituição um bimestre, aí teve concurso, e tínhamos duas pessoas, eu, que não tinha mestrado, não tinha doutorado, e um professor que tinha doutorado, então ele tinha alguns pontos na frente. Eu fui muito bem classificada, mas ele acabou entrando por conta dos pontos a mais, que ele tinha do doutorado. Então eu trabalhei lá em substituição, um bimestre. Aí, eu dei aula no ensino médio, e era, não era ETIM, era ensino médio normal, não era integrado. Era integrado, não era o ETIM, era só o ensino médio com as áreas técnicas. Então, acabou. Aí, fiquei um bimestre, acabei saindo no final, quando esse concurso que teve, professor, doutor, começou a dar aula. No final do ano, ele saiu, e aí abriu o concurso novamente, eu fiquei sabendo, prestei o concurso, com outros professores, aí já tinha mais que dois professores, e a banca me escolheu, eu acabei pegando em primeiro lugar, inclusive o professor doutor que foi especialista, me avaliou, me deixou bastante feliz. E aí eu peguei em primeiro lugar, e aí fui registrada mesmo, então a partir de 2010, e estou até hoje. Como não era do Centro de

Memória, só faço parte hoje, foi uma conversa com a professora Regina (Regina de Fátima Ferline Teixeira). Como eu gosto muito desse assunto de memórias, de guardar, porque realmente acho que os objetos falam, e nós estamos vendo isso essa semana, bastante intensidade, eu conversando com a Regina, e disse que eu precisava entrar no site do Centro Paula Souza, e ver o trabalho que a professora Maria Lucia desenvolve com o Centro de Memória. Eu até então não conhecia, mas ela falou com tanto carinho, e ela falou com tanto entusiasmo do centro de memória, da Etec e do Centro Paula Souza, e da professora Maria Lucia, com tanto carinho, eu falei assim: - eu vou entrar e vou conhecer. E aí entrei, ela me apresentou o site, entrei em todas as páginas. Demorou um pouco, alguns meses, para eu poder compreender como funcionava todo esse sistema. Conversei com a professora Regina novamente, e trouxemos algumas informações sobre isso. Foi quando aí conversei com a professora, entreguei meu primeiro projeto, e estou aí até hoje. Nosso centro de memória hoje tem quatro salas, a gente começou com duas salas apenas. A verdade é que a organização do centro de memória começou lá em 2012. Eu fui recolhendo os objetos que tinha na escola, fomos colocando em um espaço que o diretor nos concedeu, e fomos fazendo limpeza, depois fomos se organizando, e hoje nós temos quatro salas, mais de 110 artefatos, exposição constante lá, permanente.

MLMC: Quatro salas e 110 objetos?

EC: Olha, tem mais de 110, Maria Lucia. Nós temos, porque assim, a primeira sala, ela foi organizada assim, nós temos um cantinho que tem a fanfarra e os uniformes, depois nós temos uma parede, nessa parede tem uma prateleira, uma parede lateral, do lado esquerdo, e tem assim os artefatos que representam a secretaria, os telefones, os sorobans que usavam na sala de aula, temos balanças. Então, nessa primeira sala, nós temos esses vários objetos representando vários momentos da história do Colégio Agrícola, desde 1970. Então, tem parte da secretaria, tem parte da fanfarra, tem um espaço de... tem torradores de café, um sino. Antigamente a escola não tinha um sinal, o sinal era dado no sino, o inspetor que batia, tem troféu, claro, se a escola foi premiada, uma mesa, no cantinho onde eu coloquei os livros que os alunos assinam, os visitantes assinam, e tem uma cadeira muito, muito charmosa, que é a cadeira xerife da marca Cino, bastante famosa também, e aí...

MLMC: Por que essa cadeira é famosa?

EC: Então, porque... assim que foi a cadeira do diretor, desde quando a escola, desde quando a Colégio Agrícola pertencia à Secretaria da Educação, essa cadeira chegou provavelmente, porque a empresa Cimo, começou a fabricar móveis escolares.

MLMC: Que ano foi isso, você sabe?

EC: 1972 a cadeira chegou na escola. Então, a escola foi fundada em 1970, a inauguração dela foi em 1970, e ela começou a funcionar até 1970. Então, em 71, 72, essa cadeira chegou para a sala da direção. Então, assim, a marca Cino, a empresa Cino, ela fabricava, começou a fabricar também móveis para a escola. E... só temos essa cadeira com essa marca. E ela ficou por muito tempo na sala da direção. E foram quatro... acho que oito anos atrás que ela foi para o centro de memória. E teve um diretor que optou por não a usá-la. Ele trocou de cadeira, mas ela ainda permaneceu um pouco lá, de ladinho, e depois ela foi para o centro de memória. Então, assim, uma cadeira que hoje chegou famosa, porque ela ficou muito tempo como uma cadeira do diretor. E mesmo na ausência do diretor, quando entrava de férias, outra pessoa que ia substituir, sentava-se na cadeira do diretor. Então ela tinha um peso. Ela se sentava na cadeira do diretor. Até hoje os alunos têm... Eu posso me sentar na cadeira do diretor? Então, assim, você estar naquele espaço, naquela cadeira, é você carregar o peso do seu cargo, da responsabilidade de ser diretor. Então é por isso que eu falo que ela é famosa.

MLMC: Você falou que tem sorobans na escola. Tem alguma matéria jornalística ou algum outro texto e tal que justificam esses objetos na escola?

EC: Não, escrito nós não temos.

MLMC: Você sabe que a Júlia (Júlia Naomi Kanazawa) tem também no Centro de Memória de Jacareí?

EC: Ontem nós tivemos uma live dos centros de memória do grupo da Júlia. E aí ela falou, ela apresentou os sorobans que ela tem. E na minha escola também agrícola nós temos o amarelo, que é o grande, maior que o professor usava. A visibilidade dele é maior, então os alunos conseguem entender melhor. E os menores, que eles são marrons, as pecinhas deles são marrons, que era usado pelos alunos. Então eu tenho um exemplar de cada lá no centro de memória, tanto o amarelo, do professor, e o marrom, que é dos alunos.

MLMC: Essa live que vocês fizeram ontem, participou quem?

EC: Foram os professores que a Júlia (Júlia Naomi Kanazawa) coordena.

MLMC: Ah, que estão trabalhando na produção dos catálogos?

EC: Isso, na verdade sim, foi ideia de uma professora.

MLMC: Acho que foi a Patrícia de Pindamonhangaba.

EC: Isso, de Pindamonhangaba, exatamente. E aí através da Biblioteca Ativa, a Maria da Biblioteca Ativa, ela aceitou o convite, nós aceitamos o convite através da professora, e fizemos. E eu sinto que foi bastante bacana.

MLMC: Vocês têm que mandar essa gravação para a gente pôr no site de memórias.

EC: Tá. A Júlia acho que tem.

MLMC: Foi ela que gravou?

EC: Eu acho que fica gravado no YouTube Maria Lucia.

MLMC: Ah, eu vou verificar e vou conversar com ela. Porque pode ficar no nosso acervo. Eu estou guardando masterclass, uma série de coisas que aconteceram nessa época, que depois vão ser, principalmente por ser uma época de pandemia, será material de pesquisa. Então, é importante ter esses registros.

EC: Esse recurso remoto está sendo muito bom porque a gente consegue encontrar várias pessoas, que talvez em uma reunião a gente não conseguisse reunir tantas pessoas individuais, da aula, dificuldades, e a gente consegue, através desse recurso remoto, se reunir todos no mesmo horário, à noite, principalmente, que é bastante difícil.

MLMC: Exatamente. A gente sempre fala que ainda bem que a Paula Souza já estava preparada com essas parcerias com a Microsoft, e rapidamente a gente conseguiu se adaptar.

EC: Essa plataforma que nós estamos usando ela dá essa facilidade. As aulas são gravadas, sem premissa é gravada, disponível para todo mundo. É muito bom.

MLMC: E os seus alunos, eles têm participado todos no horário de aula ou alguns participam fora do horário?

EC: Não. Alguns participam fora do horário. Os terceiros anos a participação deles é bastante maciça. Eles não participam no horário da aula, mas eles entregam as atividades, mandam perguntas ou algum questionamento no chat, ou em outros e-mails que a gente disponibilizou para eles. Então, os terceiros anos nós estamos com uma boa participação.

MLMC: E eles explicam por que eles não participam no horário?

EC: Alguns estão fazendo estágio, eles estão no finalzinho, fazendo estágio em fazendas. Outros estão trabalhando nas próprias fazendas, porque muitos dos nossos alunos têm perfil agrícola. Então, eles trabalham com os pais ou com alguém da família. Então, muitos estão fazendo estágio.

MLMC: Então, esse trabalho, esse ensino híbrido, remoto, para eles é interessante, não é?

EC: Foi, está sendo muito proveitoso para eles, os alunos, porque eles estão podendo aprender com a gente e ainda fazer um estágio paralelo.

MLMC: Teve um ano, Edneia, que você não teve projeto de memória, porque você tinha um projeto na biblioteca ativa.

EC: Isso.

MLMC: Teve como você conciliar o centro de memória com a biblioteca ativa?

EC: É, teve. Eu não estava com o projeto escrito com o HAE. Mas, na verdade, assim, desde quando eu me apaixonei, quando eu conheci o projeto de centro de memória e me apaixonei por ele, eu nunca parei de as coisas acontecerem no centro de memória, lá da escola do João Jorge Geraissate. Então, assim, eu tenho duas salas. A primeira sala são as características que eu passei. A segunda sala, nós temos um armário de madeira, que é o armário da

enfermaria, que tem vários objetos. É uma enfermaria, depois tem uma maca, uma balança e alguns objetos de cozinha.

MLMC: Todos esses objetos vão estar no catálogo?

EC: Não todos, mas a maioria vão estar, sim. É uma certa dificuldade, porque a gente não pode entrar na escola. A escola está fechada, mas, assim, algumas fotos que eu tive, eu estou fazendo o catálogo. Tem algumas fotos que não estão com uma qualidade boa, mas a gente está tentando. Mas vão ter, sim, vários objetos desses. A terceira sala, que nós chamamos de sala da área técnica, porque lá nessa sala, nós temos implementos agrícolas, objetos de tração animal. Temos outros objetos que os professores utilizam para fazer o nível de terra, os arados, arreios. A última sala, que é uma sala um pouquinho menor, que tem uma mesa de estudo em reunião com os alunos. Nessa última sala são poucos os objetos. É uma sala mais de estudo. E os alunos, assim, tem uma participação, todos eles, que me ajudam a montar. A participação dos alunos, desde a sua formação até a conservação dos jardins, tem um lindo jardim na frente, pois a escola será agrícola. E o centro de memória, ele fica bem na frente. Você entra no portão lateral, passa pela guarita e você já vai dar de frente com o centro de memória e tem um jardim bastante florido. E esse ano, especificamente, que eu fiquei sem o projeto, eu continuei trabalhando no centro de memória. Conservamos, os alunos iam lá, fazendo a limpeza, recebendo visitas, eu trabalhava à noite na biblioteca.

MLMC: Esse ano não deu tempo de aprovar seu projeto ou você ficou com o projeto da biblioteca?

EC: Não, na verdade, eu fiquei com o projeto da biblioteca e atendi um pedido da direção para eu ficar um pouco mais disponível para a biblioteca. Porque nós não temos bibliotecária, nós não tínhamos estagiários também.

MLMC: Mas você acha interessante esse trabalho junto com a biblioteca? Porque dá para você envolver com os livros didáticos históricos, com os planos de curso.

EC: Sim, inclusive com alguns livros que tem na escola, que é, como se coloca aí, como obras raras, obras raras no sentido assim de ter livros de década de 70 que eram utilizados em sala de aula. E aí eu pude ter acesso próximo a esses livros, ter conhecimento. Alguns livros foram para o centro de memória também, estão lá. Agora só falta a questão da higienização deles, deixar todos preparados. Mas eles estão guardados no centro de memória por mim.

MLMC: Muito bom isso que você está fazendo, porque assim, os livros, eles deixaram em 2002 de serem considerados patrimônio. Mas para nós, é importante essas obras que seriam descartadas e que fazem parte dos planos de curso, é importante a gente ter no centro de memória, ou senão ter um armário na biblioteca como um arquivo histórico. Mas no seu caso, que você tem um ótimo espaço no centro de memória, dá para ir abrindo e porque as pessoas também podem ir consultar lá?

EC: Olha, Maria Lucia, são quatro salas, mas são pequenas.

MLMC: Eu lembro das fotos, das imagens do seu centro de memória. Inclusive, tem uma sala que tem os implementos agrícolas, que essa não sai da minha cabeça.(risos)

EC: Ah, é uma sala linda, você vai adorar.

MLMC: É, com aqueles espaços. Eu sou engenheira agrícola, então, sou apaixonada pela sala.

EC: Então, assim, esse ano, eu ganhei, o centro de memória e alguns outros instrumentos, que é aqueles instrumentos que os alunos usam para fazer coisa de livro, para fazer... Eles olham, ficam olhando no espaço, o outro aluno fica bem longe para fazer a distância. E nós temos vários objetos desses. E aí também tem uma bandeira. Então, assim, aquele espaço é o espaço da área técnica. Os professores podem, inclusive, lá dar aula para os alunos, porque os implementos da identificação animal foram utilizados na escola. Temos uma matraca, aquelas bombas de matracas... de mata formiga, desculpa. Correção, né? De mata formiga, como ficou conhecido. Uma... Um espaço, um reservatório, aí você colocava o veneno e depois você baixava uma alavanquinha com uma borrachinha e colocava no buraco da formiga. Então, assim, eles adoram, ficar nessa sala. A máquina de escrever, que eu descrevi também é uma máquina que tem bastante sucesso. Não só com os nossos alunos do ensino médio, mas os alunos do infantil, porque a escola recebe vários alunos da escola municipal para visitar o colégio. Eles passam pelo centro de memória e eles ficam encantados. Então, tem uma máquina lá, tem um espaço que eles podem mexer. Por exemplo, uma criancinha pequenininha que eu falei que ele lá nunca viu. - Posso mexer? Pode, você pode ir lá, colocar o papel, eles olham e dizem assim: - nossa, já sai impresso o papel, já sai impresso. Então, assim, esse enriquecimento, essa troca e ver o aluno aprendendo, isso é que te motiva e deixa o centro de memória, assim, com bastante carinho. Porque você tem um espaço que

conta a história da escola. Esse ano a escola completou 50 anos. Por conta da pandemia, nós não tivemos a escola aberta para a visita. Mas, no ano retrasado, nós fizemos. E, assim, foi muito bacana, porque os alunos estavam lá dentro para fazer a visita monitorada, eles também estavam ali do lado de fora, dando todo o apoio e, assim, você vê ex-alunos chegando e olhando na televisão e falando assim, nossa, essa televisão é da minha época, e eles contam a história da televisão. Uma enfermeira que chegou e falou assim: - ela abraçou o armário e falou assim: - gente, esse é o meu armário. Então, assim, tudo que a gente vê nas literaturas, aquela história de memória afetiva, você quer uma expressão melhor do que uma enfermeira que chega e abraça o armário e fala assim: - meu armário, olha que coisa linda. Eu acho que só isso já justifica nós montarmos dentro das etecs, das fatecs, em todos os lugares, um centro de memória. As pessoas...

MLMC: Bem, eu acho que, de repente, aos poucos, você também ir criando acervos de história oral com algumas pessoas, porque daí você depois pode convocar, que nem o caso dessa enfermeira. E vão servindo, você vai tendo ideias para outros projetos.

EC: É verdade. E, assim, eu sou muito feliz na Etec, porque quantos os alunos, professores, funcionários, eles não descartam nada. Tudo que tem, assim, um objeto que, às vezes, não dá mais para ser usado, eu chego, às vezes, no centro de memória e tenho um presente na frente. Por exemplo, quem colocou o site, foi tal funcionário, foi tal pessoa porque perguntou se você se interessa para guardar no centro de memória. Então, assim, a história do centro de memória e a importância da valorização desses objetos, porque fazem parte da história, já foi incorporada pela instituição do Colégio Agrícola. E eu acho muito bacana isso. Então, tem um respeito. Então, eu não tenho lá objetos antigos, eu não tenho lá artefatos velhos, eu tenho artefatos que as pessoas colocaram que têm um significado, tanto dos ex-alunos, quanto dos alunos que estão lá. Outro dia eu cheguei, tinha um balde de leite, que era utilizado no curral. Aí, eu falei: - gente esqueceram um balde, lá no centro de memória. Aí, alguém disse assim: - ah, não, professora, fomos nós que deixamos lá para você colocar no centro de memória, porque nós não vamos usar mais. Então, assim, eu fiquei muito feliz, porque o que eu percebi com isso, eles respeitam o centro de memória e eles respeitam a importância de guardar essa memória.

MLMC: A sua escola tem quantos alunos?

EC: Nós temos aproximadamente 300 alunos.

MLMC: É bom que é uma comunidade que dá para trabalhar. Dá para vocês terem essa relação de pertencimento com a escola.

EC: É, eu acho que essa palavra é isso mesmo, o pertencimento. Às vezes, eu chego na sala de aula e digo, professora, essa semana nós usamos o centro de memória. Eles gostam de estar lá. Eles gostam, na verdade, de aula prática. Então, eles vão, eles limpam todo o jardim, eles plantam. Eu costumo dizer que o jardim lá da escola é um jardim da área de humanas. Por quê?

MLMC: Eu me lembro quando você com os estudantes, me lembro dos relatórios, né? Porque como eu fico lendo os relatórios, quando você criou esse jardim, eu lembro das imagens. Deve estar muito bonito mesmo. (risos)

EC: Mas o gostoso de tudo isso é que ele se renova, por quê? Tem um aluno falando assim: - professora, olha, eu trouxe uma muda de uma árvore, posso plantar ali fora? Ah, onde você achar que deve. Então, ele vai lá, ele planta, aí ele vai cuidar que lá é dele. Então, não tem assim, um local para plantar uva, outro local para plantar banana. Eles vão lá e plantam. Então, nós temos algumas árvores frutíferas. Porque assim, eu herdei esse jardim, já tinha uma parte formada de um curso que teve jardinagem. E aí, a professora perguntou se podia fazer a aula prática na frente do centro de memória. Eu adorei a ideia, eu falei: - claro. Então, ela plantou algumas árvores frutíferas.

MLMC: Você sabe que eu estou pensando nos projetos para o ano que vem já. E foi ótima a sua fala, porque eu também quero formar um grupo, o ano que vem, com esse enfoque. Eu acho que vai dar para eu te fazer um convite.

EC: Daí, o ano que vem, em cima disso. Obrigada.

MLMC: Eu estou amadurecendo a ideia, depois vou discutir, discutir com a Júlia, discutir com a minha chefia.

EC: Tomara que dê certo. Porque é muito gratificante, um passeio de memória, fazer parte. Você se apaixona, agora eu entendo perfeitamente por que você está há tanto tempo nesse projeto.

MLMC: Mas você sabe que nem agora, eu estou escrevendo um artigo. E eu não tenho os materiais aqui. Tem coisas que eu preciso do documento, ele está lá no centro de memória. Eu fico assim, esse documento está em tal pasta. Dá vontade de sair daqui e pegar um táxi lá (risos). Não pode, você tem que respeitar. Ainda mais eu que sou do grupo de risco, por causa da idade. Então, eu nem posso fazer isso. Mas assim, eu fico pensando, a primeira coisa que eu vou fazer quando entrar no centro de memória é acessar aquele documento.

EC: E a gente tem saudade, não tem? A gente tem saudade do espaço.

MLMC: Muita saudade, muita saudade.

EC: A gente tem saudade dos alunos.

MLMC: Eles fizeram uma enquete aí. Quantos dias para trabalhar online, para trabalhar... Eu falei, poxa, mas eu tenho que trabalhar um dia na central, um dia no centro de memória, no mínimo.

EC: É uma história muito gostosa. Então, esse jardim, eu falo que é um jardim humano por isso. Porque os alunos chegam e assim, eu ganho um presente, eu ganho uma samambaia da mãe, minha mãe mandou para você, professora. Gente, é uma delícia isso, então, assim, esse reconhecimento da comunidade escolar me deixa bastante feliz. Porque eu sei que se eu sair de lá, alguém vai continuar, e os próprios alunos, eles gostam de estar, eles gostam de ir lá me ajudar a limpar, eles varrem, cuidam do jardim.

MLMC: A importância desses catálogos, desse catálogo, desse material que você está fazendo. E, também por isso que eu insisti com você para mandar um trabalho escrito. Eu vou ler o seu trabalho, vou fazer comentários. O fato de nós conversamos, hoje... Essa conversa é muito interessante, porque a gente nos clubes de memórias acaba discutindo especificamente o tema da oficina. E essa conversa que nós estamos tendo hoje permite com que a gente se conheça mais, que uma conheça melhor a outra. Então, eu acho que isso também vai estreitando os nossos laços, para poder produzir junto. Porque você falando dos objetos que chegam no centro de memória. Por exemplo, esse ano, como eu fiquei? Eu me coloquei como meta ficar um dia inteiro no centro de memória. E, o fato de eu ter feito isso, embora por um mês e meio. Porque depois, com a pandemia, nós ficamos isolados. Eu tive acesso a objetos de Física lá da Fatec São Paulo, quando ela foi criada. E que eles vão doar para o centro de memória. Tanto que a gente já estava com a documentação, com

transferência do patrimônio, sabe? Eu com o professor. E eles vão até apresentar trabalho agora. Porque nós transferimos o nosso encontro para março, para ser presencial. E daí, eles mandaram o trabalho. As fotografias, inclusive, são minhas. Porque eu fotografei e mandei as fotografias para eles. Então, eu estou estreitando esse laço com a Fatec São Paulo para poder contar a história do Centro Paula Souza.

EC: Isso é um prazer.

MLMC: Então, a paixão é a mesma. A paixão que você tem pelo seu colégio agrícola. Também a que eu tenho, assim, por estar no Centro Paula Souza, pela Carlos de Campos, que eu já fiz um catálogo. A história da Carlos de Campos, eu não sou curadora lá. Mas, hoje, estou sempre envolvida no campo da alimentação e nutrição.

EC: É, sim. E a gente agradece ao Centro Paula Souza. Se não fosse, como que a gente teria essa habilidade, que a gente desenvolveu de se apaixonar pelos objetos.

MLMC: Tanto que foi aprovado o nosso livro, já está na gráfica. Estou esperando chegar o primeiro boneco agora para fazer a revisão. Então, quer dizer, a gente tem esse apoio também institucional. E isso é importante, porque ficam os registros dos nossos trabalhos. Os cadernos de resumos, o nosso site. A hora que você quiser, organiza um arquivo de fotografias de como está o centro de memória agora, que a gente hospeda no seu link lá do centro de memória.

EC: Ah, está bom.

MLMC: Porque é importante ir mostrando essa evolução. Essa evolução do jardim.

EC: Essa mudança.

MLMC: Exatamente.

EC: Gostoso muito. Então, o centro de memória, assim como a história, ela não é parada. Ela não é aquilo e acabou, ela vai sempre mudando. O centro de memória, ele acompanha, inclusive, as ideias dos alunos que chegam. Então, você não pode mudar, colocar esse troféu aqui, essa máquina aqui? Pode, né? Então, porque quando eu permito que eles façam isso, eles fazem essas alterações, eu permito também que eles se integrem, aquilo lá faz parte deles, também. Ele que mudou, ele que ajudou. No início, os objetos, os artefatos, eles

ficavam no chão. Aí, eu recebi uma visita de uma museóloga, e aí ela deu uma dica. Ela falou assim: - olha, contém você que agora é bem recente, você acabou de montar o centro de memória, mas arruma uns tablados para você colocar. E arrumei, consegui, assim, algumas partes de paletes, algumas tábuas, e esses objetos agora já não estão diretamente no chão.

MLMC: É isso mesmo.

EC: Eles estão dentro de um tablado. Então, as coisas vão acontecendo dessa maneira. Os alunos vão, trabalham, alunos até à noite, trabalham lá, tudo. Então, é gostoso. É uma área de lazer. Tem uma responsabilidade, tudo, mas é uma área que eles ficam lá na frente, sentam-se, conversam.

MLMC: E é uma área de reflexão, inclusive, para poder pensar na evolução da tecnologia, refletir sobre isso. Eu acho que é um espaço que vai dar para fazer muita coisa. Tanto que nós, esse ano, eu e a Júlia trabalhamos no museu virtual. Nós estamos com mais de 100 fichas lá. O catálogo de vocês é o início para depois vocês entrarem para preencherem o museu virtual. E nós queremos regulamentar tudo isso, regulamentar o centro de memória. Tanto que os últimos centros de memória, nos últimos dois anos, eles têm sido criados só com autorização pelo Conselho de Escola. Porque eu comecei a fazer isso, já para ir começando a pensar na regulamentação. Porque a hora que nós não estivermos mais na escola, outros já têm um roteiro, porque é que nem quando você falou desse suporte. Como a gente está mais distante, às vezes a gente não tem tempo de discutir detalhes. Então, por exemplo, isso que... Quando a Camila foi organizar, bem na entrada da escola, a exposição com objetos, Camila da Getúlio Vargas (Camila Polido Bais Hagio), eu fiquei preocupada. Eu falei: - olha, tem que ter um suporte, até porque eu fiz... Como eu fiz o meu *pos doc* em museologia e patrimônio, eu aprendi uma série de coisas lá. Tanto que a gente tem discutido exposições com vocês nos clubes de memória. E daí... Só que não tinha material, que nem você teve a facilidade dos paletes. Lá não tinha, então, ela pôs fita para demarcar, sabe? Os espaços que não podia pisar, não podia... Então, são muitos detalhes, mas que a gente vai compartilhando e vai trabalhando junto.

EC: É importante as capacitações. Então, a capacitação de limpeza, do centro de memória também mudou, da capacitação que foi oferecida. Hoje eu só faço um pano, tenho um espanador para tirar o pó também, tenho essa preocupação. As balanças, porque tem uma balança...

MLMC: Mas o espanador, ele espalha o pó, viu? Precisa tomar cuidado.

EC: É, mas assim, eu passo o espanador e depois tem um paninho branquinho, tipo uma flanelinha, que a gente passa... Depois, a gente tira o pó e depois passa esse paninho. Não pode ter um produto químico dentro do centro de memória, a gente não usa. E tem, assim, uma balança que é o xodó de todos. Aquela balança que tem um pezinho, dois bracinhos, dois pratos e os pezinhos, que eram usados para pesar sementes na horta orgânica e, também no laboratório de química. E aí eu montei, tem uma bancada com três balanças diferentes. E eu fiz um 'aquário', que nós chamamos aquário de vidro e colocamos para proteger a balança.

MLMC: Então, futuramente, você pode relacionar livros didáticos, os livros didáticos de química da década de 70, que provavelmente você vai encontrar aquelas balanças, sabe? Fazer essas relações. Eu tenho feito isso lá na Carlos de Campos e tenho publicado para entender por que aquele objeto está no centro de memória. E tenho feito essas relações com os livros das décadas de 40, 50. É bem interessante. Aos poucos faz... O primeiro é fazer o que você fez, né? Ir organizando, precisa ter os objetos, precisa ter o catálogo. Daí a fase seguinte vai ser essa de você associar livros com documentos de acervo, da escola, ou entrevistas de história oral, como foi essa que abraçou o armário. Essa que abraçou o armário é uma entrevista com ela, é importante para poder entender por que aquele armário está ali, como é que ele era utilizado, em que práticas ele era utilizado.

EC: Inclusive tem vários objetos lá dentro. Os dentistas usavam também.

MLMC: Uma entrevista com ela vai ser extremamente rico de um artigo.

EC: Eu já vou marcar. Assim que acabar a pandemia eu vou ver se consigo entrar em contato com ela. Algo também bastante interessante, eu conversei antes da pandemia com uma pessoa que trabalhava na década de 72, ele foi inspetor. E foi através dele que me confirmou a questão do sino. Porque eu tinha uma certa dúvida. Tem o sino na escola. Todo mundo colocava que o sinal era por sino, mas não temos nenhum registro que é realmente o sino. E aí eu encontrei esses funcionários, um professor conversando com ele, professor José Henrique (José Henrique Furlan Falzone), que tem uma memória da escola, porque ele é um dos primeiros professores, foi diretor por muito tempo. É mais antigo da escola. Então ele só tem um funcionário e tal. E eu conversei rapidamente com esse funcionário e ele confirmou

que o sino realmente era o sinal era por sino. Mas por ser do grupo de risco eu também não posso entrevistá-lo.

MLMC: Mas de repente você pode fazer uma entrevista se é da escola e ele tem acesso ao *teams*, você pode fazer entrevista como estou fazendo com você.

EC: Não, esse funcionário ele ainda não domina as questões tecnológicas assim. Então eu tenho que ir visitá-lo mesmo em casa dele.

MLMC: Entendi. Isso tem acontecido comigo, às vezes eu tenho cancelado eu tenho cancelado entrevistas, porque tem dado problema exatamente por esse motivo. Eu adoraria continuar conversando com você, mas em função das limitações de tempo que nós estabelecemos, eu queria te dizer que eu vou transcrever essa entrevista. Essa entrevista é colaborativa, portanto, eu vou lhe mandar o texto se precisar fazer alguma alteração, revisão. Assim como os termos de autorização também para ficar no nosso museu virtual. E nós depois podemos criar um e-book só com os curadores dos centros de memória.

EC: Ótimo.

MLMC: De qualquer forma, então agradeço muito você ter concedido essa entrevista hoje para nós.

EC: Eu que agradeço e fico assim, a ideia de a gente estar fazendo um estatuto, acho interessante nós fazermos uma entrevista que nós participamos. Eu gostei muito da ideia de o centro de memória ter um estatuto. Então ela está se antecipando, a Júlia, porque eu falei com ela...

EC: Não, não é da Júlia, não. Lembra da entrevista que nós fizemos uma lá, que nós participamos de um centro de memória do professor Arnaldo.

MLMC: É porque nós vamos fazer um regimento, eu conversei com a Júlia, para o ano que vem, que nem nós discutimos o grupo, criamos o grupo em conjunto, e tudo nós temos discutido em conjunto, inclusive os catálogos. Então, o ano que vem a gente vai discutir com vocês nos clubes de memória para a gente criar os regimentos.

EC: Isso. Na verdade, eu não tinha conversado isso com a Júlia. Ficou na minha cabeça por conta dessa...

MLMC: Não, mas é bom você fazer isso. É bom você fazer isso, que você vai trazer ideias para nós. Na hora que a gente tiver... É verdade, na hora que a gente estiver propondo, como vai ser uma discussão conjunta para fazer revisão, para sair o texto final, vai contribuir. Porque eu mesma, quando for montar agora o projeto para o ano que vem, eu vou me apropriar do trabalho da Júlia Falivene. Porque a Júlia Falivene, em 2004, por aí, ela já vinha trabalhando essa questão de a gente criar o regimento. Ela, inclusive, falava em estatuto. E até ela falava em criar associação de ex-alunos. Só que para criar uma associação de ex-alunos, a gente precisa estar mais bem regulamentado. Aqueles centros de memória que já existem, eu não estou pedindo documentação. Mas, por exemplo, mesmo esse regimento que a gente vai criar, ele depois também vai passar pelo conselho de escola. Porque cada unidade, a direção é que administra. Então, a gente tem que ir vendo como é que nós vamos fazer esse trabalho. Mas, de qualquer forma, é importante que nem nós estamos fazendo com o Museu Virtual, com os catálogos. Começar a regulamentar. Porque, ao regulamentar, a gente vai poder participar de concursos externos. Coisa que a gente não pode fazer ainda, porque não tem uma regulamentação.

EC: A diretora Marili Parra Asato é de História também, da área de História. Então, ela dá total apoio dos centros de memória. Ela, inclusive, ampliou para mais duas salas. Fizemos uma reinauguração, agora, a gente não tem em uma placa. Ele tem um nome, ele chama Centro de Memória Dr. Edson Jorge Geraissate, que foi o fundador da escola. Então, ele tem identidade.

MLMC: É muito bom isso. Inclusive, hoje, eu recebi um e-mail de um concurso que teve lá na Espanha. Está no nosso site de memórias, depois você até entra, está em notícias, que o Carlos já hospedou. Lá tem até o regimento para participar do concurso. Tem premiações de museus do Brasil. São museus escolares.

EC: Olha que interessante.

MLMC: Então, é interessante porque dão ideias para nós e a primeira coisa que ele pedia lá são documentos de regulamentação. Então, nós temos que... É que nem, por exemplo, no SISEM. Não dá para cadastrar se não estiver regulamentado. Então, nós temos que fazer isso. Eu acho que a gente está devagar, mas estamos indo.

EC: Esse estamos caminhando é o nosso objetivo. A gente está nessa linha e a gente vai indo.

MLMC: Nosso site tem mais de dez anos.

EC: Cada conquista que nós temos por ano é comemorar mesmo.

MLMC: Então, assim... Ednéia Chinellato, muito obrigada. Foi um prazer falar com você.

EC: A alegria foi toda minha. Foi uma tarde muito gostosa. Queria falar que o Centro de Memória é um espaço muito bom. É um prazer, uma alegria. Obrigada.

MLMC: Eu vou interromper, então, a ligação. Um abraço.

EC: Outro, *tchau*. Um abraço.

Descritores

História oral na educação
Memórias do trabalho docente
Docentes em centros de memória
Etec João Jorge Geraissate
Centro de Memória
Curador
Ednéia Chinellato
Maria Lucia Mendes de Carvalho
Unidade de Ensino Médio e Técnico
GEPEMHEP
Julia Falivene Alves
Júlia Naomi Kanazawa
Catálogos
Colégio Agrícola

Dados Biográficos da Entrevistada



Ednéia Chinellato, pedagoga com especialização em História do Brasil pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora no Centro Paula Souza e atua na Etec João Jorge Geraissate em Penápolis, desde 2010. É docente na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, onde dá aulas de História. Possui experiências como coordenadora de Área do Núcleo Comum na Etec João Jorge Geraissate, coordenadora do Portal Educacional Clikideia no Centro Paula Souza, coordenadora Pedagógica na Escola Estadual Maria Mathilde Castein Castilho, em Glicério, SP, e como professora em escola particular de ensino.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho - Pós-doutora em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural

Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), Edifícios, Patronos e Diversidade na Gestão Escolar (2022), História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores (2023) e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419> Acesso em; 05 fev. 2025.

Anexos (documentos sigilosos e não ficarão aberto online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Ednéia Chinellato

Termo de uso de Imagem de Ednéia Chinellato

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Ednéia Chinellato